

## “EU OPTEI POR NÃO TER FILHOS”: NARRATIVAS DE MULHERES DO MUNICÍPIO DE SETE LAGOAS/MG QUE OPTARAM POR NÃO TER FILHOS

Jessica Maria Silva Matos\*

Fernanda de Paula Carvalho\*\*

### RESUMO

A maternidade e a feminilidade se encontram interconectadas em uma cultura marcada por discursos predeterminantes e impositores. As representações sociais construídas e reproduzidas acerca da figura feminina e da mulher, de sua sexualidade e corpo estão constantemente interligadas a sua capacidade reprodutiva e ao cuidado à prole. Diante desta construção sócio-histórica, percebe-se que mulheres que optam por não ter filhos, podem encontrar obstáculos e manifestações contrárias a sua decisão e posicionamento. De fato, os significados atrelados à maternidade estão em constante transformação, e sofrem influência direta dos meios de comunicação, dos discursos religiosos, médicos, e, também da Psicologia, como ciência. Para tanto, este estudo tem por objetivo: compreender elementos psicossociais em torno da maternidade a partir da trajetória de vida de mulheres setelagoanas que optaram por não ter filhos. Esta pesquisa se classifica como um estudo qualitativo de abordagem descritiva, e sua coleta de dados deu-se através de seis entrevistas narrativas, que foram analisadas a partir do método de análise do conteúdo de Bardin (2011). Entrevistou-se assim, seis mulheres, e através de suas narrativas foram levantados indícios de que a escolha pela não maternidade, muitas vezes não é respeitada, transpassando questões individuais e privadas, visto que estas mulheres frequentemente são questionadas e pressionadas socialmente a terem filhos.

**Palavras-chave:** Maternidade. Feminino. Opção. Autonomia.

### ABSTRACT

The maternity and femininity are interconnected in a culture influenced by predetermining and imposing discourses. The social representations are built and reproduced about the female image and of the woman, their sexuality and body are frequently linked with the reproductive ability and the take care of their descendents. In front of this built socio-historical, it is noted that women who don't want to have children can find difficulties and opposites manifestations to their decision and positioning. In fact, the meanings related with motherhood are in constant transformation and are directly influenced by the media, the religious discuss, doctors and also by the psychology as science. For that, this study objectives understand psychosocial elements around the maternity from women's way of life from Sete Lagoas who chose not to have children. This reserch is characterized of a qualitative and descriptive approach and their data were collected by interviews that were analysed by the Bardin (2011) content analysis. Than, six women were interviewed and their speeches indicated that the choice for non-maternity is often not respected, transpassing individual and private issues, where these women are frequently questioned and socially pressured to have children.

**Keywords:** Maternity. Female. Option. Autonomy.

---

\*Graduanda em Psicologia, Faculdade Ciências da Vida. *E-mail:* jessica.mariasilvamatos@gmail.com

\*\*Mestra em Psicologia Social, docente da Faculdade Ciências da Vida. *E-mail:* nanda\_depaula@yahoo.com.br

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente, as mulheres apoderam-se de um novo local social, ocupando lugar de destaque no labor e também na busca por conhecimento e especializações (RESENDE, 2017; VIANA *et al.*, 2018). Neste contexto, algumas condutas socialmente construídas começam a ser questionadas, e como consequência destes questionamentos, obtêm-se maior flexibilidade no comportamento feminino, que inclui a decisão por não ter filhos (COLARES; MARTINS, 2016; VIANA *et al.*, 2018). Contudo, a mulher permanece entendida socialmente como preparada psicologicamente e biologicamente para ter filhos, o que transforma a escolha por direito, em compulsoriedade (GONZAGA, 2015).

Diante desta construção sócio-histórica, percebe-se que as mulheres que optam por não ter filhos, podem encontrar obstáculos e manifestações contrárias à sua decisão e posicionamento (GONZAGA, 2015; ZANELLO, 2016). É notório que esta realidade está cada vez mais frequente, uma vez que é crescente o número de mulheres que estão se abdicando da maternidade na busca por outros objetivos de vida (TRINDADE; COUTINHO; CORTEZ, 2016; VIANA *et al.*, 2018). De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), o número de mulheres com filhos tem reduzido consideravelmente, estimativas apontam que até o ano de 2060 o número de filhos deve se restringir a um para cada mulher.

A partir do exposto, o presente estudo mostra-se relevante ao discutir sobre elementos psicossociais em torno da maternidade a partir da trajetória de vida de mulheres que optaram por não ter filhos, o que implica em levantar informações relevantes aos debates científicos acerca dos afetos e relações humanas envoltas às demandas de gênero, sexualidade e autonomia da mulher sobre seu corpo, promovendo maior conhecimento e compreensão acerca da escolha de mulheres em não ter filhos. O que pode contribuir ao campo de estudo da Psicologia Social, uma vez que de acordo com Lane (2006), deve-se compreender o ser humano, para além dos processos individuais, onde os elementos psicossociais se fazem presentes e estão diretamente associadas à influência do contexto sociocultural e sua relação com o corpo social.

Deste modo, buscou-se problematizar: quais elementos psicossociais, que mulheres setelagoanas que optaram por não ter filhos, expressam sobre a maternidade em suas trajetórias de vida? Com a finalidade de responder a esta problemática, foram eleitos quatro pressupostos: presença de sentimentos de exclusão e anormalidade, frente a outras mulheres; receio de expor sua escolha socialmente; sentimentos ambíguos sobre a decisão de não ter filhos se fazem presentes na vida destas mulheres, como: culpa e medo de se arrepender pela escolha e

satisfação em desenvolver sua vida profissional; e, por fim, as imposições socioculturais causam conflitos sociais e subjetivos à vida destas mulheres ao se questionarem sobre a maternidade, fazendo com que esta escolha seja vista como algo negativo pela sociedade.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender elementos psicossociais em torno da maternidade a partir da trajetória de vida de mulheres setelagoanas que optaram por não ter filhos, para isso, buscou-se: identificar, a partir das narrativas destas mulheres, elementos psicossociais que envolvem esta escolha/decisão; explanar sobre os argumentos que sustentam a escolha de mulheres a não ter filhos; e, apontar como a Psicologia pode favorecer a autonomia das mulheres em sua escolha de não ter filhos. Para realização desta pesquisa, foi utilizado o método de pesquisa descritivo com abordagem qualitativa. Entrevistou-se seis mulheres, residentes do município de Sete Lagoas/MG. A coleta de dados deu-se através de entrevistas narrativas, analisadas a partir do método de análise do conteúdo de Bardin (2011).

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 A CONVENÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA SOBRE A MATERNIDADE**

A convenção sócio-histórica sobre o que é a maternidade encontra-se permeada pela naturalização de juízos, normas e modelos socialmente definidos *a priori* que estão atrelados à figura feminina, assim como as questões de gênero, e ao modelo patriarcal que perpetuam ao longo do tempo e atravessam gerações e cultura (RESENDE, 2017; ZANELLO, 2016). Assim, há várias narrativas e significados vinculados à maternidade que estão em constante transformação e podem sofrer influência mútua dos meios de comunicação, dos discursos religiosos, médicos, científicos, e da Psicologia (ZANELLO, 2016).

De acordo com Jodelet (1993), há uma necessidade intrínseca ao ser humano de buscar se identificar e adequar à sociedade que o cerca. Essa necessidade é perpassada por representações sociais, ideias sobre o mundo que influenciam os modos de pensar, posicionar e agir socialmente, e que são constituídas e reproduzidas a partir do senso comum, e também através de saberes científicos. Nessa perspectiva, as representações sobre a mulher, incluindo sua sexualidade e gênero, podem estar associadas a percepção de que toda mulher deseja ter filhos (BRAGA; MIRANDA; CORREIO, 2018; FARINHA; SCORSOLINI-COMIN, 2018).

Por muitos anos a maternidade foi compreendida como algo inscrito e prescrito à mulher (BRAGA; MIRANDA; CORREIO, 2018). Beauvoir (1967) expõe que não há um fado biológico e/ou psicológico definidos *a priori* sobre o feminino, e sim, uma construção social

que demarca este lugar. Neste contexto, o patriarcalismo alocava as mulheres em um lugar de inferioridade, sujeição, obediência, no qual sua escolha não tinha importância ou significância (GONZAGA, 2015). Destaca-se que no século XVII, o papel feminino estava mais direcionado a geração de filhos e não ao cuidado da prole (RESENDE, 2017). Após o fim do século XVIII, baseadas em interesses e iniciativas do Estado europeu, as mulheres começaram a exercer um lugar social que não se restringia apenas a reprodução humana, mas também ao acompanhamento e cuidado do desenvolvimento dos filhos (RESENDE, 2017).

Concomitantemente, no Brasil, este processo não foi diferente, uma vez que esta idealização chegou após o processo de colonização, no qual havia um intenso desejo de regularizar e normatizar as formas de pensar e agir das mulheres através de um “adestramento”, voltados a um único objetivo: a reprodução para o povoamento do território recém-encontrado, o que envolveu interesses socioeconômicos e mais tarde, foi reforçado pela medicina e as instituições religiosas (ZANELLO, 2016).

As narrativas religiosas, sobretudo cristãs, influenciaram, e ainda exercem grande influência nos modos como os sujeitos e grupos se comportam e pensam, especialmente, sobre os corpos femininos em relação a sua sexualidade, reprodução e distinção de gênero (DIAS *et al.*, 2016). De acordo com Vázquez (2016), não só as instituições religiosas contribuíram para este ideal materno, mas também a medicina. Até meados do século XX, a mulher que optava por não ter filho era considerada, por médicos e pelo campo científico, mais propensa a desenvolver a loucura ou distúrbios mentais (VÁZQUEZ, 2016). Assim, esta hipervalorização da maternidade pode ter colaborado para silenciar e marginalizar as mulheres que optavam por não ter filhos, bem como, aquelas que recorriam ao aborto (ZANELLO, 2016).

Correntes teóricas da Psicologia também contribuíram para que a naturalização da maternidade compulsória fosse reforçada socialmente (GONZAGA, 2018). De acordo com Zanello (2016), por um longo período a Psicologia negou e silenciou as mulheres que optaram por não ter filhos, o que gerou uma carência de problematização sobre a construção sócio-histórica acerca da maternidade e suas possíveis influências psicossociais na vida destas mulheres. Atualmente, a Psicologia enquanto ciência e profissão tem se posicionado e produzido conhecimentos mais éticos e reflexivos, que visam contribuir ao processo de empoderamento e autonomia da mulher frente a sua escolha, corroborando para a resignificação de sentimentos inerentes as suas experiências de vida (ZANELLO, 2016).

## 2.2 A ESCOLHA/OPÇÃO POR NÃO TER FILHOS

As discussões acerca da escolha e opção por não ter filhos só passaram a ser uma realidade a partir das décadas de 1960 e 1970, na medida em que a obrigatoriedade da maternidade passou a ser refletida criticamente (CAETANO; MARTINS; MOTTA, 2016). Alguns marcos históricos no final do século XX contribuíram para que as modificações sociais pudessem beneficiar a população feminina como os progressos tecnológicos e da medicina, os movimentos feministas, as novas configurações familiares e as mudanças na economia (FIDELIS; MOSMANN, 2014). O uso dos anticoncepcionais pode ser também considerado um destes marcos, pois contribuiu para o processo de empoderamento das mulheres acerca do seu corpo e sexualidade (COLARES; MARTINS, 2016; RESENDE, 2017).

No Brasil, a Constituição Federal datada do ano de 1988, estabeleceu enfim a igualdade entre homens e mulheres ao prever o direito igualitário irrevogável a todos, assim como o planejamento e a decisão sobre ter filhos (BRASIL, 1988). Neste sentido, a mulher contemporânea ganhou um leque de possibilidades acerca de suas escolhas relacionadas ao trabalho, educação, sexualidade e/ou reprodução humana (VIANA *et al.*, 2018).

Contudo, mesmo com estas transformações, a mulher ainda hoje é a principal responsável pelos cuidados domésticos e pela contracepção, assim como destinada à reprodução e à maternidade (BARBOZA; JUNIOR, 2017; GONZAGA, 2015). Ao analisar os discursos que se enunciam sobre a maternidade, Farinha e Scorsolini-Comin (2018), assim como Resende (2017), apontam que a maioria das mulheres podem permanecer arraigadas a uma fantasia de que a maternidade é natural à figura feminina devido ao processo de manutenção e perpetuação deste ideal como uma obrigatoriedade, o que pode tornar difícil a tomada de consciência e reflexão crítica sobre esta influência, uma vez que estão inseridas questões individuais e socioculturais que ainda se mostram rígidas e conservadoras.

O fato de a mulher ser preparada biologicamente para ter filhos, origina diversas narrativas e justificativas que põem em xeque a sua liberdade de escolha, principalmente quando se trata do uso de anticoncepcionais e métodos abortivos (BARBOZA; JUNIOR, 2017), o que está diretamente relacionado aos valores historicamente dominantes (BADINTER, 1985). De acordo com Foucault (1988), a dominação sobre os corpos, tem início na influência sociocultural e a determinação de saberes e regras, pelos quais a sexualidade se restringe ao campo biológico associado à reprodução regulada, gerida e normatizada pela ciência em geral.

A luz desta reflexão, devido as narrativas que afirmam que a completude e formação identitária se dão somente após ter filhos, mulheres que optam por não os ter podem entrar em

sofrimento, fato que pode estar associado ao sentimento de culpa por não possuir o desejo de ter filhos (VIEIRA; ÁVILA, 2018). Somado a este sofrimento, estas mulheres muitas vezes são julgadas como desprovidas de sentimentos, individualistas, incompletas e inábeis a vivenciar o verdadeiro sentido da vida (ZANELLO, 2016). Beauvoir (1967) insere que, ao romper com os padrões e interrogar os preceitos e normas, este sujeito torna-se passível de censura e é frequentemente indagado, questionado e recriminado.

Estas mulheres, ao se verem pressionadas a justificar a sua opção, optam por mentir e encobrir o motivo de sua escolha, a fim de evitar questionamentos, o que pode gerar um sentimento de insegurança, o qual, de acordo com Farinha e Scorsolini-Comin (2018), pode estar relacionada à estigmatização. Segundo Goffman (2004), isso ocorre devido as categorias atribuídas socialmente às pessoas, nas quais há comportamentos e atitudes que são considerados esperados e naturais a uma população. Assim, pessoas estigmatizadas, podem se sentir envergonhadas de expor sua opinião socialmente (GOFFMAN, 2004).

Em suas pesquisas realizadas sobre mulheres que optaram por não ter filhos, Lopes, Dellazzana-Zanon e Boeckel (2014), assim como, Viella (2015), e, Zanello (2016), identificaram sentimentos de dúvida, incompetência, e de incompreensão frente a escolha por não ter filhos, o que pode gerar sofrimento e sentimentos ambivalentes, por um possível arrependimento. Viella (2015), aponta ainda a presença de certa exclusão social.

Há um estranhamento e espanto com esta escolha, principalmente para as mulheres que já estão casadas (FIDELIS; MOSMANN, 2014). Estas mulheres podem ser julgadas negativamente, gerando grande incômodo e tornando essa decisão uma escolha difícil de ser tomada e exposta socialmente (SILVA, 2016). Contudo, de acordo com Vázquez (2017), torna-se importante compreender a mulher que opta por não ter filhos a partir de outro olhar. Ademais, Farinha e Scorsolini-Comin (2018) inserem que estas mulheres se encontram mais realizadas, apresentam maior disponibilidade para atividades que dão prazer e maior tempo para dedicar-se a si mesma, tendo um envelhecimento mais ativo.

### **3 METODOLOGIA**

A presente pesquisa é classificada como um estudo qualitativo, de natureza descritiva, pela qual busca-se compreender elementos psicossociais em torno da maternidade a partir da trajetória de vida de mulheres setelagoanas que optaram por não ter filhos. Neste sentido, foi possibilitado ao pesquisador entrar em contato com a realidade destas mulheres (GIL, 2002), assim como entender aspectos socioculturais e os elementos psicossociais envolvidos na

decisão por não ter filhos. Foram utilizadas para coleta de dados entrevistas narrativas, abarcando eixos: o motivo da escolha de não ter filhos, os sentimentos frente ao olhar do outro, sentimentos relacionados a sua escolha, compreensões sobre as relações de dominação de gênero e sobre a maternidade. A entrevista narrativa, constitui-se como um instrumento de coleta de dados, que possibilita a investigação de problemas sociais, a partir de quem os vivência (ARAÚJO *et al.*, 2016; CASTRO; BORGES, 2017), o que permitiu maior entendimento sobre as experiências e aspectos envolvidos na decisão não maternal.

Participaram deste estudo, seis mulheres, com idades entre 34 anos e 51 anos, residentes do município de Sete Lagoas/MG. Estas mulheres foram selecionadas a partir de amostragem em bola de neve, sendo o critério de inclusão para a presente pesquisa, serem mulheres que escolheram voluntariamente por não ter filhos. As entrevistas foram aplicadas individualmente em local privativo, as falas foram gravadas e posteriormente transcritas. Estas entrevistas foram realizadas ao decorrer do mês de março do ano de 2019, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Primeiramente realizou-se um levantamento bibliográfico a partir de livros e artigos científicos, a fim de contribuir para o embasamento teórico desta pesquisa. A análise do conteúdo se deu por meio do método da Bardin (2011), em que buscou-se apresentar os dados analisados mediante as narrativas das mulheres entrevistadas, por meio de categorizações. A análise das entrevistas levou à construção de quatro categorias, que serão discutidas abaixo: (a) A escolha pela não maternidade: “Eu optei por não ter filhos”; (b) A relação das mulheres que optaram por não ter filhos com seu meio social; (c) Posso ter um relacionamento feliz sem filhos! A invalidação social de relacionamentos sem filhos; e, (d) As possíveis contribuições da Psicologia para autonomia da mulher em sua escolha.

#### 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As seis entrevistadas neste estudo possuem graduação e exercem profissões de nível médio e superior, estando uma delas desempregada, conforme demonstrado no Quadro 1. A renda individual destas mulheres varia entre zero a cinco salários mínimos.

Entrevistadas	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Profissão
E1	35 anos	Solteira	Superior Completo	Auxiliar de Professor
E2	38 anos	Solteira	Superior Completo	Auxiliar de Professor
E3	34 anos	Solteira	Superior Completo	Desempregada

E4	51 anos	Casada	Pós-graduada	Psicóloga
E5	44 anos	Casada	Superior Completo	Do lar
E6	37 anos	Casada	Superior Completo	Empresária

**Quadro 1:** Perfil das entrevistadas**Fonte:** Dados da pesquisa

#### 4.1 A ESCOLHA PELA NÃO MATERNIDADE: “EU OPTEI POR NÃO TER FILHOS”

A maioria das participantes deste estudo pontuou que: o trabalho, a falta do desejo em exercer a maternidade e gestação, a apreensão diante da responsabilidade acerca do cuidado e criação de filhos, além da preocupação frente ao futuro da suposta “prole”, validam e justificam sua decisão por não ter filhos. Observou-se, assim, motivações intrínsecas e extrínsecas envolvidas em sua escolha não maternal.

“Então, eu optei por não ter filhos devido ao meu trabalho, [...] quem tem filho hoje tem que se virar em mil, tem que trabalhar, tem que pedir alguém pra olhar o filho, tem que deixar o filho na creche, ou tem que pedir a mãe, avó, a sogra, a tia, todo mundo pra ajudar e era uma coisa que eu não queria, [...] eu acho a criação hoje uma coisa muito difícil, os pais não consegue criar os filhos igual antigamente.” (E6).

“[...] quando eu comecei a ter uma percepção de responsabilidade, o que que envolvia realmente o fato de ser mãe, de carregar aí a maternidade eu já comecei a não querer, sabia que eu não queria. [...] então, quando meu sobrinho nasceu aí que eu vi realmente o que que era, é que eu tive plena convicção que não é pra mim.” (E1).

“[...] desde que eu me lembro assim da minha mais tênue infância, de quando eu tive na verdade consciência do que era ser mãe ou de uma gestação, enfim, numa consciência infantil, eu já tinha optado por não ter filhos, por não gerá-los.” (E2).

Neste sentido, pode-se perceber, a partir das narrativas acima, que a opção por não ter filhos é uma escolha reflexiva e consciente, que carrega as mais diversas motivações relacionadas a autonomia das mulheres frente ao seu corpo e reprodução. Farinha e Scorsolini-Comin (2018), assim como, Zanello (2016), inserem que esta opção/escolha pode estar associada às mais diversas motivações. Ainda sobre a escolha, as mulheres entrevistadas exibiram conflitos subjetivos quando relataram que se encontravam decididas e felizes com sua opção. Em alguns casos, identificou-se a presença de certa apreensão e receio de vir a se arrepender futuramente diante da escolha realizada, além de narrarem o sentimento de culpa por não querer ter filhos diante da pressão social direcionada a estas mulheres.

“Eu sinto meio uma culpa, uma ansiedade, uma, uma sensação de que, de incerteza, de às vezes ficar em dúvida e pensar assim, será que vai ser assim mesmo? [...] vem as frustrações, medos...” (E3).

“[...] antes o povo até julgava, hoje, hoje as pessoas falam assim, ‘oh será que você não vai se arrepender?’, [...] eu tenho medo de arrepender, mas sinceramente meu sentimento hoje é de liberdade, eu não, realmente não quero!” (E5).

“[...] tinha uma culpa, [...] ele mudou de ideia e quis ter, mas eu não queria ter, [...] eu posso mudar daqui um tempo de ideia, de opinião.” (E2).

Este resultado corrobora aos estudos de Colares e Martins (2016), assim como, de Viella (2015), que descrevem estes mesmos sentimentos e acrescentam ainda que, apesar de não haver uma restrição e/ou proibições a não maternidade, é importante perceber que, devido a naturalização da reprodução como uma obrigatoriedade à mulher, muitas mulheres que optam por não ter filhos podem enfrentar sentimento de culpa diante do estigma social existente. Devido a naturalização e às imposições sociais muitas mulheres podem experienciar conflitos relacionados à sua opção (TRINDADE; COUTINHO; CORTEZ, 2016; VIELLA, 2015).

O sentimento de culpa e insegurança podem estar ligados aos estereótipos negativos acerca da escolha não maternal (VIEIRA; ÁVILA, 2018). Neste sentido, estas mulheres tem a necessidade de sustentar suas escolhas e reafirmar suas relações afetivas para além da maternidade (ZANELLO, 2016). Salienta-se que a falta de desejo de ter um filho se encontra inerente as histórias de vida destas mulheres, contudo, percebe-se que isso não as impossibilita de experienciar a felicidade e a satisfação pessoal.

“Eu sinceramente, me sinto muito feliz com minha escolha, [...] não me sinto inútil não sendo mãe, não me sinto mesmo, me sinto muito bem.” (E4).

“[...] eu acho que eu tive uma preocupação maior comigo mesma, de ser feliz, de dar conta de viver bem, enfim.” (E5).

“[...] eu acho que a minha liberdade é maravilhosa, cê não ter, cê poder sair a hora que você quer, fazer o que quiser, ir onde você quiser, sem ter que preocupar, [...]” (E6).

De acordo com Zanello (2016) é importante compreender que a mulher que opta por não ter filhos também experiencia sentimentos positivos relacionados a esta opção e que não são ímpares ou somente negativos. Compreende-se, a partir das narrativas, que as percepções em relação a opção por não ter filhos também se mostraram positivas, uma vez que as mulheres expressam satisfação, felicidade e completude em virtude de sua decisão pela não maternidade.

#### 4.2 A RELAÇÃO DAS MULHERES QUE OPTARAM POR NÃO TER FILHOS COM SEU MEIO SOCIAL

Frente a sua escolha, metade das mulheres entrevistadas relataram se sentirem excluídas em algumas situações cotidianas. Neste contexto, pode-se perceber, a partir dos

relatos das entrevistadas, que estas mulheres que expressam tais sentimentos podem enfrentar dificuldade de expor sua escolha socialmente, o que pode resultar na incompreensão frente a sua opção pela não maternidade, conforme falas abaixo:

“[...] existe um julgamento no olhar, [...] existe sim uma exclusão, existe uma conversa seletiva e aquela fala cruel, ‘Ah você não entende, porque você não é mãe!’, [...] até mesmo porque os piores preconceitos eu sofri foi das pessoas que eu mais amava mesmo, que é a minha família. [...] existe uma pressão do outro lado pra que eu tenha, as pessoas simplesmente não concordam [...]” (E2).

“[...] eu não falo de forma tão ostensiva mais, [...] puxa ninguém convida a gente para uma festa, [...] ‘ah mais esse casal aí qual a graça que tem né, não tem menino, não tem nada, não vamos chamar não’, sabe?” (E5).

“[...] pelo fato de eu não ter casado, todas elas já terem casado e ter filhos, elas já me excluíram dos encontros, [...] eu não exponho pra minha família, [...] vai haver críticas, então eu prefiro evitar esse tipo de coisa pra não haver insatisfação também da minha parte, [...] fico triste também por essa questão, porque eu esperava que as pessoas pudessem entender o lado do outro, ter empatia né, cada um tem o direito de escolher o que quer pra vida e meio que não ficar cobrando.” (E3).

Percebeu-se que as mulheres entrevistadas que possuem amigos e/ou familiares que optaram por não ter filhos não narraram se sentirem excluídas, já as mulheres que se relacionam mais com pessoas que possuem filhos e já tem um relacionamento estável, apontaram certo incômodo, e a presença deste sentimento. Dessa forma, esta segregação não pode ser inferida como algo enfrentado em todos os ambientes frequentados por estas mulheres. Contudo, devido a estes sentimentos estarem associados muitas vezes às pessoas mais próximas, pode-se notar maior incômodo. De acordo com Viella (2015), isso pode se dar devido aos lugares atribuídos ao gênero, uma vez que as pessoas que fogem à regra, podem enfrentar a exclusão social.

A pressão social acerca da escolha pela maternidade é apontada por Silva (2016), como um dos fatores que torna mais difícil para que estas mulheres assumam sua escolha perante a sociedade. Ainda neste seguimento, a pressão social para se ter filhos pode estar inserida em diversos contextos e instituições, incluindo o familiar. Todas mulheres entrevistadas narram que já foram alvo de críticas e questionamentos, não só no espaço público, como também, no espaço privado onde esta pressão para se vivenciar e exercer a maternidade se mostrou mais presente na amostra estudada.

“[...] teve uma época que eu sofria, vários tipos de pressão na verdade me causaram sofrimento.” (E2).

“Sentia pelo pelos parentes, pela sociedade, com quem eu convivi, no meu trabalho e ficava cobrando, ‘ah você não vai casar?’, ‘não vai ter filho?’, ‘olha lá você já tá chegando nos 30’, [...] Eu me sinto impotente, incapaz pra, e fico triste...” (E3).

“[...] família cobra mais, [...] com 36 anos de idade a minha mãe começou a me cobrar, que eu tinha que ter filho, [...] ficou com um sentimento de raiva assim, de não aceitar minha opinião. Quando é de mãe te marca muito, por que é a mãe falando né?” (E4).

A luz desta reflexão, Lopes, Dellazzana-Zanon e Boeckel (2014) expõem que estas mulheres enfrentam maior pressão social quando atingem uma idade avançada, principalmente por familiares e amigos, que questionam sobre a sua decisão, o que gera sentimentos de incompreensão pela própria família. De modo geral, as narrativas das mulheres entrevistadas assinalavam a necessidade de afirmação, posicionamento e justificação acerca desta escolha principalmente para pessoas mais próximas.

#### 4.2.1 O Olhar Social Frente À Escolha Por Não Ter Filhos

Ao se falar sobre o olhar social frente à sua escolha, todas as mulheres entrevistadas narraram serem entendidas socialmente como pessoas egoístas, desprovidas de amor e que não gostam de crianças. Neste sentido, além da segregação e do receio de expor sua escolha socialmente, a maioria das entrevistadas expressaram ter grande incômodo com o fato de serem compreendidas socialmente, como egoístas e carentes de amor, o que as causa desconforto, pois de acordo com estas mulheres não se confirma:

“As pessoas acham que é falta de amor, que é falta de gostar de criança, o fato de você não querer ser mãe, [...] ainda acham que você é egoísta, quando eu falo que eu não nasci pra maternidade pra me doar em prol, inteiramente naquilo, aí elas acham que é o egoísmo, não uma escolha as pessoas têm essa dificuldade de entender o porquê, [...] então é difícil, porque junto com a pergunta vem já crítica [...]” (E1).

“[...] as pessoas reagem super mal, principalmente pelo fato de trabalhar em uma creche e trabalhar com crianças, nisso eu fico ofendida, porque a pessoa confunde a sua falta de desejo em ser mãe com a sua incapacidade de amar uma criança e pra mim não tem nada a ver eu amo crianças.” (E2).

“[...] não é porque você é não é mãe que você não precisa gostar de criança, tanto é que eu procurei uma profissão que lida com crianças, com jovens, com adultos e idosos né?” (E4).

Corroborando as pesquisas de Caetano, Martins e Motta (2016), e, de Colares e Martins (2016), este fato pode estar associado aos estereótipos e representações sociais associados à figura feminina. Observou-se que mesmo que haja uma relação indireta ou direta das mulheres entrevistadas com crianças, e, que estas expressem que sua escolha não é resultante de uma escolha egoísta, as narrativas se voltam a desvalorização social desta escolha. Neste sentido, muitas vezes estas mulheres são avaliadas socialmente como desumanas e individualistas, uma vez que priorizam outros objetivos de vida (ZANELLO, 2016).

#### 4.3 POSSO TER UM RELACIONAMENTO FELIZ SEM FILHOS! A INVALIDAÇÃO SOCIAL DE RELACIONAMENTOS SEM FILHOS.

Apesar das mulheres entrevistadas se demonstrarem críticas quanto às definições de gênero impostas pela sociedade e apresentarem suas decisões quanto ao lugar ocupado no trabalho, os seus corpos e sexualidade, elas também relatam como a sociedade, em sua maioria, ainda pode idealizar o casamento ou o relacionamento estável como o princípio da constituição familiar, sendo imprescindível a presença de filhos para sua conservação. De acordo com as entrevistadas, o relacionamento, seja ele o casamento ou namoro, ainda é visto a partir da presença de filhos, invalidando aqueles que não os tem, o que pode gerar, além dos sentimentos de incompreensão já expressos em outras categorias, os sentimentos de negação da sua escolha.

“Algumas pessoas perguntam, ‘ah pra que você namora então?’ Porque eu gosto de uma pessoa do meu lado, porque é uma pessoa legal.” (E2).

“[...] casa e arruma menino logo, que senão seu casamento não vai durar, não vai para frente e quanto mais tarde você ter, mais chance de você tá gorda, ficar feia, seu marido arrumar outra e te largar!, [...] pregam é que se você não tiver, o casamento não vai para frente na rotina.” (E3).

“[...] já falaram comigo assim, ‘uai, mas como assim casamento sem filhos? Como que é isso?’, ‘Nossa, eu não concebo isso, então não é casamento’. Não é o fato de eu ter filho ou não ter filho que eu não vou constituir uma família.” (E5).

Ao se falar em relacionamento estável, enfatiza-se a presença do filho como um fator necessário para a felicidade, sustentação e manutenção deste relacionamento (CAETANO; MARTINS; MOTTA, 2016; FARINHA; SCORSOLINI-COMIN, 2018). Deste modo, não ter filhos pode ser compreendido como invalidação do relacionamento, uma vez que a maternidade e feminilidade são incompreendidas separadamente, tendo a visão do casamento e a maternidade como idealização de completude da mulher e do casal (ZANELLO, 2016).

#### 4.4 AS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA PARA AUTONOMIA DA MULHER EM SUA ESCOLHA

As mulheres entrevistadas relataram que já tiveram experiências com psicólogos e que o processo terapêutico as favoreceu em diversos contextos de vida, em alguns casos, incluindo a decisão pela não maternidade. As entrevistadas salientaram tanto os benefícios em atendimentos realizados individualmente, quanto em trabalhos sociais. Inclui-se aqui, a discussão proposta pela Psicologia Social, destacando as contribuições deste profissional em

diversos âmbitos, além do entendimento da função do psicólogo sob a ótica clínica e social, no sentido de contribuir para que estas mulheres tenham um lugar de acolhimento, o que muitas vezes não acontece. Ademais, pode-se perceber também a validação do trabalho deste profissional na construção de conhecimento sobre o assunto, na quebra de paradigmas e autonomia destas mulheres, conforme narrativas abaixo:

“E eu acho que tem mulheres que têm esse desejo, mas não dão conta de sustentar isso por causa do machismo, por causa das cobranças, por causa do medo de ser diferente, de ser discriminada. [...] Então, eu acho que a psicologia pode contribuir falando mais sobre isso, escrevendo mais sobre isso, trabalhando mais isso com as mulheres que optaram por não ter filho, né, trazendo essa discussão mesmo, pra sociedade.” (E5).

“Trabalhar principalmente com as mulheres que vivem à margem do conhecimento. Parar com aquele paradigma que menina tem que lavar, passar, cozinhar, arrumar e tá bom demais né? Ela fazendo aquilo ali é que nasceu pra isso. Não, ela nasceu para ser o que ela quiser, se você trabalhar com ela o psicológico dela.” (E4).

Neste sentido, a Psicologia pode trazer contribuições a estas mulheres tanto na produção de conhecimento para melhor entendimento e acolhimento, quanto nos atendimentos individuais. De acordo com Trindade, Coutinho e Cortez (2016), a Psicologia como produtora de olhares e saberes deve ter um posicionamento ético e crítico, que proporcione amparo e embasamento aos profissionais psicólogos para que estes possam atuar no apoio e acolhimento dessas demandas. Neste sentido, insere-se também um outro olhar das entrevistadas perante a Psicologia, uma vez que mesmo não sendo indagadas sobre alguma vivência traumática durante sua história de vida, a maioria das mulheres entrevistadas expressaram o fato de não haver nenhum trauma ou evento traumático que resultasse esta opção.

“[...] é uma decisão que não é carregada de trauma, é uma decisão baseada simplesmente na minha preparação pra coisas [...], não é que eu acho que eu seria uma mãe ruim, não!” (E1).

“[...] eu nasci sabendo que eu não queria ser mãe, não foi uma coisa porque teve algum trauma, ou por não ter boa relação com a maternidade em si né?” (E4).

De acordo com Zanello (2016), muitas vezes as mulheres que optam pela não maternidade podem ser comparadas e consideradas por meio de um status de inferioridade àquelas que são mães, e ainda serem tratadas como loucas ou que carregam algum transtorno ou perturbação psíquica. Colares e Martins (2016) inferem ainda que a grande maioria de mulheres que se veem contra a esta norma instituída podem ser fundamentalmente avaliadas e consideradas a partir de termos patológicos. Apesar de ser um fato a ser investigado pelo profissional Psicólogo, eventos traumáticos não podem ser considerados como o único fator resultante desta opção (ZANELLO, 2016).

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Busca-se a partir deste estudo contribuir para avanços e transformações no campo social, que são indispensáveis para um pensamento mais crítico e reflexivo sobre o empoderamento das mulheres, liberdade e autonomia sobre o corpo, reprodução e sexualidade, e, por conseguinte, na decisão por não ter filhos. Ademais, ao abrir este debate, inclui-se a Psicologia como um veículo de transformação pessoal e social, uma vez que se reforça sua importância na construção de conhecimento e nas práticas diante dos diversos desafios enfrentados por estas mulheres perante de sua escolha.

Os resultados indicaram que a escolha por não ter filhos transpassa questões individuais e privadas, uma vez que estão envolvidas em uma cultura marcada pela imposição social. O fato de optar por não ter filhos desencadeia diversas indagações, uma vez que se foge de um padrão social esperado. Identificou-se na presente pesquisa que as mulheres entrevistadas sofrem com a pressão social para ter filhos, a partir das representações sociais atribuídas à figura feminina, sexualidade e corpo da mulher. Articula-se a isso, o fato desta opção, muitas vezes não ser compreendida socialmente, assim como, aos preconceitos e estereótipos atribuídos a esta escolha. Contudo, mesmo que estejam presentes sentimentos ambíguos e negativos em relação a cobrança social, não as impossibilita experienciar a satisfação e felicidade em virtude de sua escolha/opção.

Além disso, este estudo pode trazer contribuições a práxis de psicólogos, sobretudo aos trabalhos voltados a não patologização desta escolha, tal como, a desmistificação deste processo e quebra de paradigmas. Cabe ressaltar as limitações desta pesquisa, uma vez que, por constituir-se de uma amostra limitada não é possível inferir a partir deste estudo uma visão global das mulheres que optam pela não maternidade de maneira voluntária. Ademais, por se tratar de um assunto ainda pouco debatido de acordo com Zanello (2016), percebe-se que as publicações em Psicologia sobre o assunto ainda estão em processo de construção. Neste sentido, sugere-se que trabalhos futuros possam construir estudos voltados aos diversos perfis sociais de mulheres que realizam esta escolha. Ademais, salienta-se a importância de dar mais ênfase aos sentimentos positivos advindos desta escolha, a fim de contribuir para mudança de olhar e posicionamento social frente às mulheres que optam pela não maternidade, deslocando-se o olhar de negatividade.

**REFERÊNCIAS**

- ARAÚJO, P.; MARTINS, E.; FERNANDES, R.; MENDES, F.; MAGALHÃES, C. O método das histórias de vida na investigação qualitativa em Psicologia. **Investigação Qualitativa em Saúde**, [S.l.], v.2, p. 588-595, 2016. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Patricia\\_Araujo10/publication/319651316\\_O\\_Metodo\\_das\\_Historias\\_de\\_Vida\\_na\\_Investigacao\\_Qualitativa\\_em\\_Psicologia/links/59b804d1a6fdcc68722bffc7/O-Metodo-das-Historias-de-Vida-na-Investigacao-Qualitativa-em-Psicologia.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Patricia_Araujo10/publication/319651316_O_Metodo_das_Historias_de_Vida_na_Investigacao_Qualitativa_em_Psicologia/links/59b804d1a6fdcc68722bffc7/O-Metodo-das-Historias-de-Vida-na-Investigacao-Qualitativa-em-Psicologia.pdf)>. Acesso em: 29 ago. 2018.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Flammarion, Paris, 1980. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARBOZA, H. H. G.; JUNIOR, V. de A. A. (Des)Igualdade de gênero: restrições à autonomia da mulher. **Pensar Revista de Ciências Jurídicas**, Fortaleza, v. 22, n. 1, p. 240-271, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.unifor.br/rpen/article/view/5409>>. Acesso em: 15 ago. 2018.
- BARDIN L. **L'Analyse de contenu**. Editora: Presses Universitaires de France, 1977. \_\_\_\_\_ **Ánalyse de conteúdo**. SP: Edições 70, 2011.
- BEAUVOIR, S. de. Infância. In: BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: a experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1967. Cap.1, p. 9-67.
- BRAGA, R. C.; MIRANDA, L. H. de A.; CORREIO, J. de P. C. V. Para além da maternidade: As configurações do desejo na mulher contemporânea. **Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, n.6, v. 3, p. 523-540, 2018. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15994>>. Acesso em: 24 set. 2018.
- BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>. Acesso em: 15 ago. 2018
- CAETANO, C.; MARTINS, M. S.; MOTTA, R. C. Família Contemporânea: Estudo de Casais Sem Filhos por Opção. **Pensando Famílias**, 20(1), jul. 2016, p. 43-56. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v20n1/v20n1a04.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2018.
- CASTRO, R. D. de; BORGES, C. A. M. A construção de um campo de pesquisa antirracista ou sobre quando sujeito e objeto (se) pesquisam. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], 2018. Disponível em: <<http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/447>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

- COLARES, S. C. dos S.; MARTINS, R. P. M. Maternidade: Uma construção social além do desejo. **Revista de Iniciação Científica da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, v. 6, n. 1, p. 42-47, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.unincor.br/index.php/iniciacaocientifica/article/view/2654>>. Acesso em: 12 ago. 2018.
- DIAS, C. A.; SOARES, M. M.; MORAES, A. V.; CARVALHO, M. A. B. de; FERREIRA, P. P.; RODRIGUES, S. M. Sexualidade e prática sexual: representações sociais de mulheres católicas da microrregião de Governador Valadares-MG. **Associação Brasileira de estudos populacionais (ADEP)**, Governador Valadares, 2016. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/2110/2066>>. Acesso em: 18 ago. 2018.
- FARINHA, A. J. Q.; SCORSOLINI-COMIN, F. Relações entre não Maternidade e Sexualidade Feminina: Revisão Integrativa da Literatura Científica. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, v. 10, n. 1, p. 187-205, 2018. Disponível em: <<https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/2316>>. Acesso em: 24 ago. 2018.
- FIDELIS, D. Q.; MOSMANN, C. P. A não maternidade na contemporaneidade: um estudo com mulheres sem filhos acima dos 45 anos. **Aletheia**, Canoas, n. 42, p. 122-135, 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/1150/115035315011.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2018.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Ed. São Paulo, 2002. Atlas S/A.
- GOFFMAN, E. Estigma - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução: Mathias Lambert Data da Digitalização: 2004 Data Publicação Original: 1891.
- GONZAGA, A. T. S. **Narrativas feministas na Psicologia**: escritos sobre uma história do (im)possível. 2018, 117 f. Dissertação (metrado) - Programa de Pós-graduação em Psicologia (FE), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8473>>. Acesso em: 12 out. 2018.
- GONZAGA, P. R. B. **“Eu quero ter esse direito à escolha”**: Formações discursivas e itinerários abortivos em Salvador. 2015, 149 f. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/23882/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o.Paula.Gonza%20ga.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2018.

IBGE - Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística. **Projeção da População 2018:** número de habitantes do país deve parar de crescer em 2047. [S.l.]: IBGE, 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21837-projecao-da-populacao-2018-numero-de-habitantes-do-pais-deve-parar-de-crescer-em-2047>>. Acesso em: 29 abr. 2019

JODELET, D.: Representations Sociales: Un domaine en expansion. In: Denise Jodelet (ed.) **les représentations sociales**. Paris: puf, 1989, p. 31-61. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão técnica: Alda Judith Alves-Mazzotti. UFRJ- Faculdade de Educação, dez. 1993.

LANE, S. T. M. **O que é psicologia social**. Silvia T. Maurer Lane. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos; 39).

LOPES, M. N.; DELLAZZANA-ZANON, L. L.; BOECKEL, M. G. A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia. **Temas em Psicologia**: Porto Alegre, 2015, p. 917-928. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1413-389X2014000400018](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-389X2014000400018)>. Acesso em: 24 set. 2018.

RESENDE, D. K. Maternidade: Uma construção histórica e social. **Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 2, [S.l.], p.175-191, 2017. Disponível em:<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15251>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

SAHAGOFF, A. P. Pesquisa narrativa: Uma metodologia para compreender a experiência humana. XI Semana de Extensão, **Pesquisa e Pós Graduação- SEPesq**, 2015. Disponível em: <[https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos\\_trabalhos/3612/879/1013.pdf](https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos_trabalhos/3612/879/1013.pdf)>. Acesso em: 24 ago. 2018.

SILVA, F. B. **Mulheres que optaram por não ter filhos**. 2016. 46 f. Projeto de pesquisa – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/173769>>. Acesso em: 21 ago. 2018.

SILVA, I. S. da; ROHDE, L. A. Estilos de vida dos arranjos familiares: DINC (dupla renda, nenhuma criança) *versus* ninho vazio. **Estudo & Debate**, Lajeado, v. 22, n. 1, p. 143-159, 2015. Disponível em: <<http://univates.br/revistas/index.php/estudoedebate/article/viewFile/636/626>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

TRINDADE, Z. A.; COUTINHO, S. M. S.; CORTEZ, M. B., Ainda é proibido não ser mãe? A não maternidade tratada nas publicações científicas da Psicologia. In: ZANELLO, V.; PORTO, M. e. (Orgs). **Aborto e (não) desejo de maternidade(s):** questões para a Psicologia. 1. ed. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2016. Parte 2, p. 143- 165. Disponível em: <[https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2016/11/CFP\\_Livro\\_Aborto-2.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2016/11/CFP_Livro_Aborto-2.pdf)>. Acesso em: 11 ago. 2018.

VÁZQUEZ, G. G. H. Mães de papel: Uma mirada sobre a maternidade nas páginas da revista pais & filhos (1968-2000). Seminário Internacional Fazendo Gênero 11& 13th Women's Worlds Congress, **Anais Eletrônicos**, Florianópolis, 2017. Disponível em: <[http://www.en.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499449393\\_ARQUIVO\\_textocompletoFG.pdf](http://www.en.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499449393_ARQUIVO_textocompletoFG.pdf)>. Acesso em: 24 ago. 2018.

VÁZQUEZ, G. G. H. Memórias de uma ausência: mulheres sem filhos e suas narrativas sobre maternidade no Paraná do século XX. **Revista de História Regional**, p. 338-363, Paraná, 2016. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/9163>>. Acesso em: 09 set. 2018.

VIANA, Renata Brum *et al.* Dilemas da maternidade das mulheres contemporâneas: Revisão integrativa. **Revista Enfermagem Atual**, RJ, p.76-81, 2018. Disponível em: <<https://revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/view/248/147>>. Acesso em: 24 set. 2018.

VIEIRA, C. A. L.; ÁVILA, A. A. Um olhar sobre o fenômeno da maternidade naturalista: refletindo sobre o processo de maternagem. **Gênero**, v.18, n.2, Niterói, 2018. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/1141>>. Acesso em: 19 mar. 2019.

VIELLA, I. L. Para além da maternidade: um estudo sobre mulheres que optaram por não ter filhos. **Psicologia Pedra Branca**, Santa Catarina, 2015. Disponível em: <<http://www.riuni.unisul.br/handle/12345/3072>>. Acesso em: 20 set. 2019.

ZANELLO, V. Dispositivo materno e processos de subjetivação: desafios para a Psicologia. In: ZANELLO, V.; PORTO, M. e. (Orgs). **Aborto e (não) desejo de maternidade(s): questões para a Psicologia**. 1. ed. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2016. Parte 2, p. 143- 165. Disponível em: <[https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2016/11/CFP\\_Livro\\_Aborto-2.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2016/11/CFP_Livro_Aborto-2.pdf)>. Acesso em: 11 ago. 2018.